

# © NOVO FANGUEIRO ©

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

## EDITORIAL

Ora aqui temos dois conceitos cuja compreensão não oferece muitas dúvidas. Pelo primeiro (tradicionalismo) entende-se o gosto ou uma certa apetência por aquilo que é tradicional, antigo, ou, se quisermos, clássico. Já o segundo vocábulo (progressismo) se revela como o gosto pelo actual, por aquilo que representa inovação ou, como a própria palavra deixa entender, progresso.

Daqui se infere que um tradicionalista está todo virado para *ontem* e que um progressista só tem os olhos situados no *amanhã*.

Em qual destes polos um indivíduo deve colocar-se: chauvinista ou todo «p'rá fren-tex»?

Na nossa modesta opinião entendemos que o aforismo latino «in medio stat virtus» (no meio está a virtude) assenta primorosamente na contenda e isto porque se as raízes, o *subtractum* de onde as coisas dimanam não devem ser cortadas

da a gana — acrescentamos nós) a que o Hospital alienasse uma parte de terreno vital para a nossa terra, a fim de, com a receita adquirida, poder realizar obras; em segundo lugar, porque sempre nos opusemos (e opoemos) a que em Fão (parte velha) se realizem obras que colidam com a traça típica ou tradicional da terra.

Há que hierarquizar obras

## TRADICIONALISMO E PROGRESSISMO

cerce, tão pouco deveremos compreender a vida isentada do seu movimento dialéctico.

Assim sendo, foi com um certo arrepio que ouvimos alguém apodar-nos de tradicionalista, alegando a nossa tomada de posição em dois casos concretos: em primeiro lugar porque nos opusemos (com to-

e hierarquizar acções. Fão é uma terra milenária que possui lenda, tipicismo, uma identidade urbana, tudo isto casado com uma envolveria paisagística de rara beleza e de difícil singularidade. Ora esta beleza e singularidade são uma riqueza em si e riqueza poten-

(Continua na página 2)

## Colecção de postais de Fão

Um eco feito por nós há meses nas colunas deste jornal sobre postais ilustrados da terra teve o mérito de acelerar o processo da sua feitura e respectivo aparecimento. Com efeito os Irmãos Matias, depois de consultada uma casa especializada em trabalhos litográficos, haviam encomendado já ao Prof. Mário Ramiro o arranjo das necessárias fotografias que este por sua vez tratou de fazer em número razoável. Faltava porém, a «ordem de marcha» e esta acabou por vir das bandas do Hospital que chamou a si o encargo da respectiva edição.

Os postais chegaram finalmente e nós já tivemos a honra de os espreitar na montra do Marinho.

A fotografia parece-nos boa como era de esperar dum *expert* na matéria e o arranjo litográfico não oferece críticas de maior. Os motivos escolhidos poderiam ser outros — nós daríamos preferência ao edifício dos Amigos de Fão, por exemplo — mas tam-

(Continua na página 2)

## O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

## GERMANO NOBRE

Dizíamos que na frente do Cortejo ia um Nobre Germano mas não dissemos que na frente de tudo isto estava Germano Nobre, o mais realizador destes últimos 29 anos, pois que um entendido destes espectáculos disse-nos... — há 29 anos que não vejo coisa melhor.

Estas palavras foram transcritas do jornal *O Cávado* de 30 de Agosto de 1953 que relata na página de Fão uma das muitas diversões a que se entregavam os banhistas da terra, liderados pelo incasável e sempre imaginoso Germano, hoje um simpático e sorridente octogenário que se hospeda ali no Lar da Terceira Idade e de tarde vem dar dois de conversa à Rita Fangueiro. Vagaroso, amável, des preocupado agora, era naquele tempo um diabo à solta que trazia a colónia em polvorosa e a freguesia em permanente



*suspense* provocado pelos seus banhistas. Germano Nobre era o pivot das brincadeiras, das diversões e das... benemerências. Também das benemerências devemos falar pois a receita dos muitos espectáculos que programou para Fão re-

(Continua na página 3)

# Colecção de postais de Fão

(Continuado da página 1)

bém achamos que essa preferência tem a sua cota de subjectividade e portanto de discutibilidade.

No entanto cometeu-se um erro crasso já não admissível numa terra com os pergaminhos que a nossa pretende mostrar. É o caso do brasão.

Aqui há anos os simpáticos e dedicados bairristas Irmãos Matias imaginaram e confeccionaram uma bandeira para Fão que eles quiseram que fosse o emblema da terra e que acabou por ser tacitamente aceite, embora o Hospital, no tempo do dr. Joaquim Peixoto, não tivesse consentido nunca no seu hasteamento. A respectiva flâmula apresenta como motivo de brasão da terra fangureira dois cavalos, numa evidente alusão à lenda de Ofir que um historiador bastante imaginativo, publicou e que um génio de Marketing, Sousa Martins, pôs a correr mundo.



Fão: Nicho de S.to António de Fonte encimado pelo «Brasão» de Fão

## EDITORIAL

(Continuado da página 1)

cial, pois atraem gente, fomentam turismo e proporcionam divisas que tanto podem ser estrangeiras como nacionais.

Consequentemente destruir a costa, envenenar o rio, delapidar o pinhal, substituir, por exemplo os edifícios da Av. Dr. Manoel Pais por caixotes de cimento armado, mais modernos e funcionais, seria banalizar o burgo, descaracterizá-lo, empobrecê-lo, quer no aspecto paisagístico-cultural quer até materialmente.

Mas nós não somos contra o progresso de Fão. Nós queremos que o Hospital de S. João de Deus aumente a sua capacidade médico-cirúrgica, que em Fão se criem mais fábricas, se construam mais edifícios, mas tudo isso sem implicar fortes custos sociais e, muito menos, sem exigir o desaparecimento do cunho identificativo da terra. Fão tem uma alma, uma maneira de ser, uma individualidade que é um motivo de orgulho (qual é o fangureiro que não se orgulha da terra que tem?) e que constitui um motivo de riqueza, riqueza esta que assume uma dimensão material que é permanente.

Há anos numa célebre assembleia em que apenas nós e um familiar nos opúnhamos à venda, por parte do Hospital, do já, não menos famoso pinhal da D. Almerindinha, proclamava um «clarividente» Irmão: «O que é preciso é fazer casas». Como classificar este zeloso confrade: Progressista? Tradicionalista? Nós pensamos que um disparatista.

É que nós vamos a Espanha e vemos que na cidade de S. Tiago de Compostela o centro histórico mantém-se ciosamente intacto e preservado. Em Torremolinos *nuestros hermanos* conseguiram restaurar uma parte antiga e típica daquele mundialmente famoso centro cosmopolita. Óbidos, bem portuguesa, é hoje um ponto obrigatório do turismo nacional e até mundial pela conservação de um certo ambiente característico.

Revelamos ainda há bem pouco tempo que no Porto, terra de trabalho e de pragmatismo por excelência, a respectiva municipalidade obrigou um Banco a destruir toda a frontaria de um edifício por estar desinserido do ambiente em redor.

Pergunta-se: Esta gente é tradicionalista? E progressista? Somente gente de bom senso.

Bem, mas uma lenda é uma lenda e no caso de Ofir não parece possuir qualquer base de veracidade.

Há uma ciência auxiliar da História, a Heráldica que estuda os brasões cuja concepção se rege por preceitos inalteráveis, pelo menos desde os finais do séc. XIII. As cores designam-se pelo nome de metais (ouro, para traduzir factos heróicos e prata para referir casos importantes) ou de esmaltes (goies, azul, sinopla, sable, alaranjado, púrpura). Isto é muito mais que haveria para dizer sobre a ciência dos brasões ajudam-nos a aceitar que um símbolo para a vila fangureira não pode depender só do bairrismo, da carolice e da boa vontade das pessoas. Há mais qualquer coisa cuja gestação obedece a regras.

Ora, consultando o artigo «o arquivo e as origens da Santa Casa da Misericórdia de Fão» de Alberto Antunes de Abreu, no Boletim Cultural de Esposende, N.º 4, pode deduzir-se da sua leitura que Fão possui um brasão, podendo ver-se um exemplar no nicho da Capela de S.to António. Na opinião daquele seguro historiador trata-se de um brasão cortado, tendo na parte superior os elementos iconográficos (torre ameçada, igreja e cruzeiro) alusivos à morte do padroeiro S. Paio ocorrida em Córdova e na parte de baixo, um barco, tipo xaveco, para significar que a actividade mais saliente em Fão era a pesca.

São elementos significantes que traduzem a essência histórica de Fão e base a que deve obedecer a escolha dos adornos constitutivos de um brasão.

Aconselhamos entretanto a junta de Freguesia a encomendar à Sociedade Portuguesa de Heráldica um estudo para o brasão da terra fangureira. Depois então, sim, os nossos amigos Irmãos Matias poderão com toda a sua fina sensibilidade confeccionar a mais linda bandeira de quantos existem em Portugal.

# GERMANO NOBRE

(Continuado da página 1)

vertiam ou para o Hospital, ou para os Bombeiros ou para os pobres da terra.

No acima referido Agosto de 1953 o rei Notjcirra, imberbe e loiro, de óculos, cara de menina mas era menino (Rui Carrington) apareceu em Fão e os seus súbditos vindos de todas as paragens (banhistas) preparavam-se para lhe arranjar noiva numa recepção magnificente a realizar nos nobres paços da freguesia (salão da Catequese). O pessoal das embaixadas afadigava-se em conseguir as melhores roupas, os mais bonitos adornos, as mais pomposas carruagens quando, sem que nada o fizesse prever, El-Rei Notjcirra foi raptado pela seita Mau Mau (dr. Alceu, dr. José Novais e quejandos) que se sumiu como o fumo. Pânico e consternação nos súbditos de sua Majestade, contratempo real para os organizadores do espectáculo, curiosidade divertida para os íncolas locais. Onde é que estava o Rei?

Bem, o Rei acabou por aparecer, o cortejo acabou por se pôr em marcha com odaliscas de pernas cabeludas, pretinhos pincelados pelo Alceu, príncipes árabes pomposamente adornados, o recuperado monarca subido a um trono puxado por quatro beduínos, todos voltaram aos reais paços para o sublime nó a que se seguiria um espectáculo de variedades de imponente beleza que a todos encantou e o jornal registou. Foi nesta altura — cremos — que interveio a conhecida cantora Teresa da Silva Carvalho que, como ela havia de referir mais tarde, se estreou para a música. Aliás, durante todo o trajecto ela tocou acordeon.

Os banhistas divertiam-se e o povo da freguesia não lhes ficava atrás. Havia um entrosamento perfeito entre o binómio veraneante/fangueiro e a alegria de uns era a legria de outros. Germano Nobre era a personificação e o motor dos divertimentos que então se viviam nesta terra. Verdade se diga que todos cooperavam mas seria injusto não dizer que o dr. Aprígio Meireles, de Idanha-a-Nova, Domingos Fernandes, de Guimarães, eram grandes entusiastas e animadores de todos os festejos.

Como apareceu o Germano em Fão? Foi pela mão do seu cunhado Arquitecto Amoroso Lopes, um dos «bandeirantes» de Ofir. Tinha uma casa no pinhal com uma vista magnífica sobre o rio. Um dia o Germano visitou-o. Era uma tarde calma de Outubro, luminosa, sem vento. Sentado num banco do quintal que ainda hoje existe, subjogado pela quietude do lugar, Germano Nobre disse para quem o quis ouvir: «É para aqui que hei-de vir passar as férias». E logo quis saber como conseguiria arranjar casa para toda a família que na altura era numerosa. Indicaram-lhe a casa do dr. Pimenta e foi

assim que começou a vir para Fão desde o dia 1 de Agosto até 1 de Outubro em cada ano. Todo o tempo era passado no convívio e na organização de passatempos que divertiam não só os que vinham passar férias mas também os naturais de Fão onde fez muitos amigos. Basta dizer que os primeiros acompanhantes da pesca foram o Pai Turra (Sebastião Didier) e o Américo Pereira (pai da Lulu).

Na altura, fins da década de 40, era costume O Cávado organizar em Agosto um concurso de pesca destinado sobretudo à colónia balnear do Concelho. Foi aí que o Germano começou a dar uma mão e tão preciosa se revelou a sua ajuda que o mesmo jornal em 4 de Outubro de 1949, referindo-se ao II Concurso de Pesca da Foz do Cávado que teve o patrocínio do Jornal de Notícias e a prestimosa colaboração do Grupo dos Amigos de Fão, escreve: «ao zelo, qualidades excepcionais do nosso amigo, sr. Germano Nobre se deve o êxito obtido. Com cola-



Concurso de Pesca de 1953

boradores tão valiosos nada custa realizar».

E pelos Agostos fora foi um suceder de concursos tanto na foz do Cávado como na Barca do lago, onde o Germano arrancava, a par de uma organização impecável, os primeiros lugares. Em 13 de Agosto de 1950 o já referido jornal numa entrevista feita com ele começa por dizer: «vamos» ouvir Germano Nobre principal elemento de propaganda da região e dos mais destacados promotores do Concurso de Pesca». Ainda o mesmo jornal em 24 de Agosto de 1950 assim se refere: «muito particularmente queremos felicitar o papel amigo de Germano Nobre pela vontade que sempre o tem animado nesta e noutras organizações e que muito tem contribuído para o bom nome desta praia, proporcionando ao mesmo tempo horas de verdadeira alegria».

Claro que nem só de pesca vivia o Germano e muito menos o grupo banhis-

ta. Havia mais, muito mais, e o Germano em tudo estava presente, concebendo, animando, mandando e executando.

A casa da D. Minir Ramalho era o arsenal onde se executavam todos os preparativos das festas. De lá saíram bem ajazados de camisas de noite bordadas a preceito as gráceis donzelas (Zé Emílio, Soutinho, Rui Leal e Júlio Monteiro) para se incorporarem num famoso cortejo de oferendas a favor do Hospital. O Zé Madureira encarrapitado num lázaro jumento fez de conta que era o João Semana.

Na casa da Mitó realizaram-se ainda os ensaios e uma revista que deu brado e onde o Germano, sempre ele, desempenhou o papel de *compère*. Desta vez a receita reverteu a favor dos Bombeiros. A malta ia para a praia de manhã, baixa manhã, e depois ia trabalhar de tarde no preparo das festas. Não havia pananço. As pessoas saíam daqui mais cansadas, mais magras, mas não há dúvidas que era uma reinação. Tudo esperava o próximo ano e logicamente não havia deserções. Era tudo uma família.

Teríamos que falar também dum cortejo de carroças a Esposende, de que «O

Novo Fangueiro» publicou uma fotografia, das saudosas quermesses no Bom Jesus (a quanta dedicação elas obrigavam!) do passeio de gôndolas em pleno rio, à noite, com os barcos engalanados, música e foguetes, dos arraiais minhotos, das gincanas no campinho, enfim de toda uma página que se virou e que não se voltou a ler.

Naquele tempo os automóveis contavam-se pelos dedos. Germano Nobre tinha o seu sempre à disposição para o que fosse preciso, para falar aos fogueteiros, para arranjar os burricos necessários aos cortejos, para ir a Apúlia, Póvoa ou Barcelos arranjar fatos apropriados para as festas. O carro parecia que esticava e que não trabalhava a gasolina mas a água. E quando levava gente nova para a praia, cabia sempre mais um mesmo no tejadilho.

Quem não se lembra do M-N-46-88, o Pontiac do pai Germano?

## Defesa do Rio Cávado

Espaço Livre, Centro de Animação Cultural do Concelho de Esposende enviou recentemente ao Secretário de Estado do Ambiente uma exposição detalhada sobre a poluição do rio Cávado e seus agentes poluidores.

A referida exposição baseia-se nos dados vindos a público na «Quinzena de Sensibilização» para a Defesa do rio Cávado que aquele mesmo Centro promoveu de 26 de Julho a 10 de Agosto p.p. em Esposende.

Entretanto soubemos que a Assembleia Municipal de Barcelos sancionou uma resolução tomada pela respectiva Câmara Municipal de estabelecer um sistema de tratamento dos resíduos provenientes das tinturarias situadas naquela área. Ao que consta os industriais em causa propõem-se entrar com 60% das verbas necessárias a tal empreendimento.

Entretanto que medidas vão ser tomadas contra as tinturarias do Concelho de Esposende?

### ENG. JOSÉ AREIAS

Foi nomeado Director do Serviço de Operações das Telecomunicações o nosso prezado amigo e assinante Eng. José Areias que trabalhava no Centro de Estudos de Telecomunicações de Aveiro.

Os nossos parabéns pela promoção.

## O Mundo em que vivemos

### FOI NATAL

Quando este jornal vos chegar às mãos, mais um Natal terá passado. Nalguns pontos deste nosso conturbado planeta, terá havido festas, iluminações, música, famílias que se reuniram para a consoada, veículos que «engoliram» quilómetros e quilómetros para trazer os parentes distantes, enfim, todo um ambiente de entusiasmo e de excitação, que se traduziram em ruidosa alegria, muitas vezes tão longe do verdadeiro sentido do Natal!...

A par com os lares de mesa farta, presentes e árvore enfeitada, terá havido o Natal dos que nada têm, daqueles para quem o Natal nada significa, pois é apenas mais um dia igual aos outros, com a chicotada do frio a arrepiar-lhes o corpo mal abrigado, e o estômago faminto a reclamar o sustento que não chega. Para esses, foi um dia como tantos já vividos e como tantos que possivelmente ainda viverão, dias todos semelhantes entre si, dias cinzentos de vidas sem horizontes, sem esperanças, em que os adultos já esqueceram o que é a alegria, a abundância, o bem-estar, e as crianças, sem guloseimas, nem árvore, nem brinquedos, quase não aprenderam a sorrir.

Noutros lugares, o silêncio da noite natalícia foi quebrado pelo explodir das bombas, pelo ruir dos prédios atingidos, pelos gritos e gemidos dos moribundos.

Em campos de refugiados, crianças subnutridas agonizaram de fome, com as moscas passeando nos pequeninos rostos já inertes.

Assim, o Natal foi vivido de modos muito diversos, consoante os locais, mas há um traço comum em todos os quadrantes: — os acidentes de viação, fosse qual fosse o meio de transporte.

Acidentes de automóvel, só aqui, em Portugal, em 6 escassos dias, houve mais de mil, em consequência dos quais 45 pessoas perderam a vida e 702 ficaram feridas, algumas em estado muito grave.

É desse Natal que vos queríamos falar, já que dos outros muito se falou. Queríamos recordar-vos aquelas famílias que não tiveram Natal porque passaram a Noite Santa numa espera inútil, na espera de alguém que vinha de longe para a Consoada em família e que ficou entre os destroços de um avião caído, ou na amálgama de ferros de um automóvel desfeito.

Daqueles cujo Natal foi a espera vã de alguém que não chegaria nunca mais.

E. REAL

### Natal Rotário

Na sexta-feira, dia 19 de Dezembro, realizou-se no Hotel do Pinhal a tradicional noite de Natal promovida pelo Rotary Clube de Esposende.

Presidiu Manuel Silva que tinha à sua direita como convidado especial Manuel Figueiredo de Apúlia. O repasto decorreu com muita animação e alegria onde se fazia notar o alarido e o alvoroço dos «rotarinhos» a quem a festa era especialmente dedicada.

No momento próprio o Presidente ainda usou da palavra para desejar Boas Festas a toda a gente, mas a barulhada era tanta que a sua voz perdeu-se no meio do bruí all montado pela petizada. Ainda assim ouvimos uma referência especial a O Novo Fangeiro pelo modo esforçado como tem relatado a actividade rotária. Nada para agradecer, caro Manuel Silva. Os rotários têm trabalhado a sério pela comunidade onde estão inseridos e nós só temos feito o registo dessa actividade. Com demasiada frequência o temos feito? Tanta quanta o trabalho realizado.

O momento mais importante foi, como é evidente, a chegada do Pai Natal (dr. José Alberto) indumentado a preceito. Desta vez o homem das barbas apareceu encalavitado num belo poney que se passeou por entre a plateia. Foi um delírio como delírio foi a distribuição de prémios à petizada e aos pais da petizada. Toda a gente recebeu prendas e toda a gente ficou (já estava) contente.

Resta-nos acrescentar que o bacalhau servido pelo Hotel estava magnífico.



O descanso desejado...

**HOTEL DO PINHAL** ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857  
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



# UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

AUMENTE O SEU

# Colesterol!

Após ter passado mais um Natal e após, também, ter passado o 2.º aniversário desta Secção, aqui estamos a desejar a todos que o Novo Ano seja na verdade um ano muito bom, não esquecendo, no campo da Saúde, o célebre colesterol, pelo qual tanto nos interessamos...

E, para a subidazinha habitual, aqui vai a receita das

## TIGELINHAS

Farinha — 2 chávenas de chá (farinha de trigo, com fermento).

Ovos — 3.

Leite — uma chávena e meia de chá.

Dissolve-se a farinha com o leite, juntam-se as gemas e a seguir as claras, batidas em castelo.

Forma-se uma massa que se delta em pequenas tigelinhas, mas só até meio; delta-se por cima da massa, em cada tigelinha, uma camada de picado e acabam de se encher com outra camada de massa.

As tigelinhas vão ao forno, para cozer.

★

Para o lanche, temos uma receita de uns pãesinhos de origem inglesa. São os

## SCONES (PÃESINHOS PARA CHÁ)

Farinha de trigo, com fermento — 8 colheres de sopa.

Açúcar — 4 colheres de sopa.

Manteiga ou margarina — 2 colheres de sopa.

Leite — 2 colheres de sopa.

Põe-se a farinha num recipiente, faz-se-lhe uma cova no meio, e lá se deitam todos os ingredientes, mexendo com a mão, até formar uma massa homogénea, que se trabalha um pouco.

Dessa massa tiram-se pequenos bocados que se fazem em formato de bolos nos quais se dá um golpe ao meio.

Põe-se os bolos num tabuleiro, untado com manteiga e polvilhado com farinha, e vão ao forno a cozer.

Servem-se quentes, e, à mesa, abrem-se e barram-se com manteiga.

E pronto. Deus permita que, daqui por um ano, possamos estar a comunicar como hoje, e a desejar ao colesterol as mais proveitosas subidinhas...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

## CUMPRIMENTOS DE BOAS FESTAS

Tiveram a gentileza de nos enviar Boas Festas as seguintes pessoas: Professor e alunos da Escola de Fão; Fernando de Almeida, Porto; Rui Beza, Oliveira de Azeméis; Maria de Lourdes Salazar, Coimbra; D.º Jorgr Basto, Porto; Pedro Viana, Guimarães; João de Barros, Porto; Eugénio Portugal, Delegado em Braga da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas e Alberto Carvalho, delegado no Porto da Secretaria da Comunicação Social, Manuel Real Narciso de Morais.

O nosso muito obrigado.

# FÃO, A MAIS IMPORTANTE FREGUESIA NO SÉC. XIX

Recebemos em devido tempo um Boletim Cultural de Esposende, o n.º 7/8, editado pela Casa da Cultura, sob a direcção de M. Albino Penteadado Neiva. Como os anteriores opúsculos, esta publicação que tem a data de Dezembro de 1985, apresenta-se bem elaborado com artigos elucidativos sobre a história e a pré-história do concelho de Esposende.

No que a Fão diz respeito, aparece mais um artigo que tem como título «O arquivo e as origens da Santa Casa de Misericórdia de Fão» da autoria de Alberto Antunes de Abreu. Este trabalho apresenta-se com o sub-título «Apêndice documental», pois trata-se de uma série de transcrições de títulos respeitantes a doações testamentárias de vários doadores entre os quais *Francisco Pires Casanova* por cujas doações a Santa Casa da Misericórdia de Fão fica obrigada a celebrar «quarenta missas cada anno pela alma ou tensão de Manuel Pires Casanova e se hão de dizer enquanto o mundo durar por conta desta Santa Casa».

Mas não foi para falar deste trabalho valioso que nós evocamos aqui o Boletim Cultural, mas sim para revelar aos conterrâneos alguns dados muito curiosos colhidos num outro estudo «O Concelho de Esposende no século XIX» da responsabilidade de Manuel A. Penteadado Neiva. Trata-se de três inquéritos feitos em meados do séc. XIX, sendo o último composto por uma série de quesitos sobre todas as freguesias do Concelho fornecendo dados muito preciosos sobre a vida sócio-económica do concelho, nomeadamente número de fogos e habitantes de todas as freguesias do concelho.

Nós escolhemos quatro, as mais importantes, Esposende, Fão, Apúlia e Marinhas e

é com certo orgulho e não menor saudade que nós verificamos que Fão nesse tempo sobrepujava-se às demais freguesias do concelho.

Vejam os então:

**ESPOSENDE** — «Tem um movimento marítimo de termo médio», «sendo 8 (navios) propriamente desta villa e freguesia de Fão, que são tripulados por 334 marinheiros d'ambas as povoações. Há neste ponto e pertencentes às ditas freguesias 41 lanchas de pesca que são tripuladas por 166 pescadores».

Número de fogos: 380; número de habitantes: 1459.

A população desta vila dedica-se «com especialidade à vida marítima entregando-se uns à marinhagem propriamente dita e pilotagem e outros e a maior parte à pescaria».

Há mercado semanal (domingos) e diário. Fabrica-se pregagens e ferragens, tecidos de linho e lã, somente para consumo da vila e do concelho. Existem construções navais para longo curso, cabotagem e pescaria costeira.

**MARINHAS** — Não tem feira nem mercado. Fabricam-se ferragens e tecidos de linho. Os lavradores dedicam-se à extracção do argaço e amanho das terras.

Número de fogos: 301; habitantes: 1395.

**APÚLIA** — Tem uma feira anual. Bastante comércio de mercearia e de capelistas. Fabrica-se alguns tecidos de linho e de lã e algumas ferragens. Os seus habitantes exploram muito o sargaço.

Número de fogos: 452; habitantes: 1368.

**FÃO** — Está situada a 800 m aproximadamente da foz por onde exerce uma importante navegação. Tem um mercado diário no sítio da Lapa. «Tem a indústria do sal importada pela barra de Esposende e exportada para o centro do Distrito, do polvo vindo da Espanha, de madeiras que é exportada pela barra, de lojas de comércio de mercearia e de capelistas e da pesca e da navegação tendo hiates que importam e exportam pela barra de Esposende vários géneros. Fabrica de tecidos de linho e de lã.

Número de fogos: 519; habitantes: 1905.

Como se vê na segunda metade do séc. XIX éramos a freguesia mais progressiva do Concelho.

E agora?



o que é bom da natureza

## PAGARAM ASSINATURA

Dr. Jorge Vieira Sousa Basto, Porto, 500\$00; José Augusto de Campos F. Pereira, Fão, 500\$00; António Soutelo, Fão, 1350\$00; Manuel Real Narciso Morais, Barcelos, 2000\$00; Adelino Gomes de Amorim, Guimarães, 2000\$00; Prof. Eugénio Barreira, Fão, 1000\$00; Eng. Octávio Reis, Valadares, 10000; António Ferreira da Silva, Fão, 1000\$00; M.ª da Saúde Gonçalves Herdeiro, Porto, 500\$00; Dr. José Manuel Borda Rodrigues, Porto, 1000\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Esposende, 500\$00; Manuel da Costa Lopes Cardoso, Fão, 500\$00.

## DOENTE

Tem passado bastante incomodado da saúde o nosso bom amigo e dedicado colaborador, Sérgio Mendanha.

Por esse motivo retirou-se para casa de um familiar em Darque, onde um dia destes o fomos visitar. A família de «O Novo Fangeiro» não o vai abandonar neste momento aborrecido da sua vida.

Claro que tem que mandar mais versos, mais slides sobre Fão, do Fão velhinho que ele tanto estremece.

E um desejo muito grande de melhores é o que lhe formulamos para que todos nos possamos abraçar irmamente no próximo aniversário do nosso jornal em Maio.

## FALECIMENTOS

No dia 23 de Dezembro faleceu em Fão, com 72 anos de idade, Marcelino Mota muito conhecido em tempos por Flato. Foi efectivamente com este nome de guerra que Marcelino Mota se evidenciou na década de 30 como um grande jogador de futebol, quicá o maior defesa esquerdo do concelho.

Precisamente por ter atingido grande destaque, foi contratado pelo Gil Vicente e nós lembramos que aos domingos da manhãzinha quando íamos para a missa das 6,5, vindo das Pedreiras, passava por nós o Flato que àquela hora se dirigia a pé para Barcelos onde ia jogar.

Jogou no Grupo Desportivo de Fão onde conheceu tardes de glória a par de grandes cabazadas que o S. C. de Esposende nos infligia.

Em 8 de Novembro de 1937, por exemplo, o grupo de Fão, perdeu no campo do Tobias, por 4x2, arbitrando Heitor Costa.

Esposende alinhou: Reis, Valentim e Daniel; Firmoso, Sá Campos e Cruz; Luis, Rendido, Vilarinho, Saganito e Jaime.

Fão: Isaltino, Flato e Ernestino; Alfredo, Matos e Américo Galfém; Alípio, Luís (Padei-

ro), Francisco, Amândio (Padeiro) e Narciso. Sobre este jogo disse o Cávado de 14-11-32:

«Do lado fãozense temos a salientar em 1.º lugar Flato, o que constituiu com Sá Campo o duo dos melhores jogadores sobre o terreno. Depois Ernestino, Luís e Amândio.»

Ainda nesse mês o grupo de Fão foi a Esposende e apanhou 6-0.

Em 1938, era o dr. Júlio Pimenta presidente, houve jogo e o Fão foi batido por 8x2.

Nessa altura a quota de sócio era de esc. 1\$00 por mês.

As referências individuais a Flato eram sempre muito lisongeiros e nós lembramos muito bem que Flato era o ídolo da nossa meninice.

Que descanse em paz.

À família enlutada os nossos pêsames.

Vítima de acidente automóvel, faleceu em Vila Nova de Cerveira Rui Manuel Rodrigues de Moura com 44 anos de idade.

O Rui Manuel era aparentado com a família Sampaio e Castro e por esse mesmo motivo viveu grande parte da sua vida em Fão.

Aos seus familiares enviamos sentidos pêsames.

## Inauguração de um Posto da Cruz Vermelha em Esposende

Com a presença do dr. Pimenta Fernandes, delegado da Cruz Vermelha em Braga, inaugurou-se na vila de Esposende um posto da Cruz Vermelha, no dia 4 do corrente.

Estiveram ainda presentes um representante do Governo Civil, a Presidente da Câmara, prof.ª Laurentina Torres, representantes dos Núcleos da Cruz Vermelha de Braga, Amares, Terra do Bouro, Prado e Rio Caldo e ainda muito povo.

No salão Nobre da Câmara realizou-se pelas 15 horas uma sessão de Boas-vindas, tendo usado da palavra a Presidente da Câmara, o Delegado da C. V. em Braga e finalmente o Presidente do Núcleo de Esposen-

de, António Oliveira. Procedeu-se depois à entrega de cartões de identificação de socorristas a quinze jovens que frequentaram recentemente um curso na vila de Esposende.

A seguir realizou-se uma visita às novas instalações no Largo Rodrigues Sampaio e finalmente todos os elementos da Cruz Vermelha presentes desfilaram em parada, seguidos das respectivas ambulâncias, pelas ruas de Esposende, num total de cem pessoas, devidamente fardados.

No hotel Nélia foi oferecido pelas 17 horas um Porto de Honra a todos os participantes nas cerimónias.

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra inovadora para o nosso país, feita em meios sempre utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade.

Enriquecido não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da sêntese de epónimas e locuções estrangeiras.

## Dicionários EDITORA

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os de seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Livraria Arnado, LDA. SAMP. L. FLUMINENSE, LDA.

Rua de Restauração, 302-4028 PORTO Fone: 221 221 221 Fax: 221 221 221

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450  
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647  
4750 MATOSINHOS



Equipa representativa do Futebol Club de Fão

## PELO FUTEBOL

Os últimos resultados do F. C. de Fão foram:

Fão, 0 - Ribeirão, 4; Fão, 3 - Lagense, 1; Arsenal, 0 - Fão, 0.

Continuamos no meio da tabela e iso é o que se pretende. Dentro em breve ingressam dois novos jogadores oriundos de Vila do Conde. Vêm jogar nas mesmas condições dos restantes.

A Direcção tem trabalhado muito unida, com muita dedicação e o certo é que esse trabalho se reflecte no comportamento da equipa. Os comerciantes de Fão e não só têm correspondido ao apelo para cederem anúncios para as paredes do campo e, se-

gundo julgamos saber, daqui a pouco vai começar a faltar espaço.

O dr. Carvalho de Matos, médico do clube, tem sido um prestimoso auxiliar da Direcção. Nem aos treinos falta.

Consta que está na forja uma digressão do nosso cluberepresentativo a Paris, em visita aos conterrâneos ali espalhados, lá para a Páscoa. Nada mais poderia agradar aos fangueiros ausentes que essa visita.

A hospedagem seria feita em casa dos conterrâneos pelo que o empreendimento não se justifique tão dispendioso. Bernardino, vamos a isso?



A «equipa» que apóia os nossos rapazes

o melhor café  
é o da  
**A BRASILEIRA**  
PORTO

## © NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva  
Dr.ª Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Dinis de Villarelho  
Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva  
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA

Praça João XXIII — Telef. 684318  
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual . . . . . 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

## ESCOLA DE MÚSICA DE ESPOSENDE

A Câmara Municipal de Esposende enviou um telex de repúdio ao Presidente da República, 1.º Ministro, Ministro da Educação, Secretário de Estado da Administração Escolar e Deputados pela área de Braga da Assembleia da República de protesto contra o despacho de indeferimento assinado pelo Dr. Simões Alberto relativamente à Escola de Música de Esposende, quando estavam reunidas todas as condições técnicas humanas para ser posto em prática. Posteriormente, porém, e após uma entrevista entre a Presidente da Câmara e aquele membro do Governo, surgiu luz verde para dar corpo ao sonho e assim a Escola de Música vai começar ainda este mês de Janeiro, havendo cursos de piano, violino, guitarra e flauta.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création  
ARMAÇÕES  
OCÚLOS SOL

**AZAL**

# Fecho das Comemorações do I Centenário da Imprensa de Esposende

«Desde o Esposendense ao Jornal de Esposende, desde «O Fãozense a O novo Fangueiro, não esquecendo naturalmente O Cávado, o Grulha e tantos outros jornais, sempre os interesses de Esposende e do concelho estiveram na primeira linha da sua actuação».



Aspecto da Exposição

Na Casa da Cultura em Esposende a Presidente da Câmara, Prof.<sup>a</sup> Laurentina Torres abria, na manhã do dia 20, a última sessão das comemorações do 1.º Centenário da Imprensa de Esposende que o nosso colega da vila concelhia realizou ao longo de 1986. Presentes entre outras pessoas o Secretário Adjunto do Ministro Adjunto e para os Assuntos Parlamentares, Dr. Marques Mendes, um representante do Governador Civil e a Comissão Executiva das Comemorações.

Aquela autarca falou do papel relevante da imprensa regional junto das comunidades locais afirmando nomeadamente que «os jornais reginais constituem-se como verdadeiros aliados das populações, pois chamam muitas vezes a atenção das autoridades para os problemas que as afligem, pois muitas vezes a vida das populações tem meandros que escapam ao olhar atarefados dos autarcas».

Em nome da Comissão Executiva usou da palavra o dr. Sobra<sup>K</sup>Torres que no tom familiar e fluente que o caracteriza explicou alguns considerandos sobre a imprensa esposendense. De uma maneira subtil não deixou de dar um remoque aquele membro do Governo por a sessão ter começado uma hora mais tarde. «Os portugueses são muito pontuais nas suas refeições».

Finalmente falou o dr. Marques Mendes começando de um modo igualmente subtil por acusar um «tôque» ao remoque recebi-

do: «os portugueses preocupam-se demasiado com as refeições em detrimento de outros problemas mais importantes». Expôs em seguida aos presentes todo o conjunto de medidas que o Governo desencadeou e vai continuar a promover com o fim de prestigiar a imprensa regional.

Na óptica daquele membro do Governo a imprensa regional presta um ótimo serviço à Nação por três motivos fundamentais:

«Em primeiro lugar é um espaço de cultura, de comunicação e de informação muito importante. É ela que dá conta das aspirações e anseios das populações locais.

«Em segundo lugar chega a todos os lugares por mais recônditos que sejam, onde a Imprensa Nacional não chega.

«Finalmente presta um grande serviço pelo contacto que estabelece entre a Pátria e os emigrados que vivem noutros países e

Há medidas que já foram tomadas em 86 e que em 87 vão ter grande relevância. Vai permanecer o porte pago e o subsídio de 30% nas telecomunicações. O Estado vai compartilhar a fundo perdido em investimentos para a compra de parques gráficos para servir exclusivamente a Imprensa Regional. Trata-se não de estabelecer um privilégio mas de criar alguma igualdade de condições entre a Imprensa Nacional e Regional.

Na sua estadia na Casa da Cultura aquele membro do Governo visitou demoradamente a Exposição sobre a Imprensa e o Livro que abriu ao público na quadra de Natal. Trata-se de um bem elaborado trabalho onde se reconhece o dedo do dr. Penteadó Neiva e que apresenta a génese e a evolução tanto da imprensa local como a imprensa em geral. É um trabalho de profundo alcan-




Dr. Marques Mendes em Esposende

que pela leitura verdadeiramente sentida desses jornais ficam cada vez mais ligados à terra».

«Era tempo, pois — frisou — de ajudar com ações concretas e não apenas com lindas palavras a imprensa das regiões».

ce pedagógico e que impressionou muito favoravelmente aquele Secretário de Estado.

Como encerramento das comemorações realizou-se no Hotel Nêlia um almoço de confraternização gentilmente oferecido pelo Jornal de Esposende aos seus convidados.

AVENÇA  PORTE PAGO	«O NOVO FANGUEIRO» FÃO
--	---------------------------